The background of the cover is a textured, brownish-green color with a torn-paper edge. On the left, a cartoon boy with a large head, wearing a yellow shirt, blue shorts, and a backpack, stands with his arms raised in excitement. On the right, a cartoon monkey hangs from a branch. The text is centered in a green, hand-drawn font.

JUCA BRASILFIR®
DESCOBRINDO O BRASIL

A MATA ATLÂNTICA

Patrícia Secco

VENDA PROIBIDA



**Este livro é dedicado
a todas as crianças,
guardiãs da natureza.**

**Ilustrador
Eduardo Arnold Engel**

**Revisão
Frank de Oliveira**

**Editoração
Walter Lopes Júnior**

**Realização
Fundação Educar DPaschoal**

www.educardpaschoal.org.br

Fone: (19) 3728-8129

Esta obra foi impressa na Gráfica Editora Modelo Ltda.
em papel couché (capa e miolo). Esta é a 3ª edição, 3ª reimpressão,
datada de 2010, com tiragem de 5.000 exemplares.

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros: Argius
Transportes Ltda., Dalçóquio, Hiperion Logística, RTE Rodonaves, Transiguaçu,
Transportadora Capivari Ltda., TRN Pavan.

Deloitte.

A tiragem e a prestação de contas referentes a esta
publicação foram conferidas pela Deloitte.

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 para gerir os investimentos do grupo DPaschoal em programas de estímulo à leitura. Promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social é a missão da Fundação Educar, que constrói parcerias e desenvolve três projetos.

0 Leia Comigo!, que utiliza recursos próprios e de outras empresas através da Lei Rouanet, para produzir e distribuir gratuitamente livros educativos para crianças e adolescentes. Desde o ano 2000, já foram doados mais de 33 milhões de exemplares, em todo o Brasil.

A Academia Educar, que promove a formação de núcleos de lideranças juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra em si o potencial que o torna capaz de transformar sua realidade, de sua escola e de sua comunidade.

E o Prêmio Trote da Cidadania, que reconhece e incentiva universitários de todo o Brasil a promover ações sociais com os calouros, para estimular o empreendedorismo social e reduzir a prática do trote humilhante ou violento.

Procurando contar sempre com valiosas parcerias, a DPaschoal deseja, cada vez mais, dar sua contribuição à sociedade em sua caminhada pela educação e pela cidadania.



Olá! Meu nome é João Carlos, mas você pode me chamar de Juca, Juca Brasileiro! Este é meu apelido, e eu vou contar um segredinho para vocês: eu a-d-o-r-o!

Este apelido foi inventado pelos meus amigos lá da escola, pois eu amo tudo o que diz respeito ao Brasil: a história, o Hino, a bandeira, o futebol (é lógico), mas, antes de tudo isso, eu amo demais a natureza maravilhosa deste nosso país, as matas, as montanhas, as praias, os rios... Tudo, tudinho mesmo!

E, olha só, eu gosto tanto da natureza que um dos meus esportes favoritos é caminhar, caminhar em meio à natureza! Você imagina o que é isso? Passear pelas nossas matas, cerrados, campos, chegar a praias desertas, descobrir nascentes cristalinas... É maravilhoso, mais que demais, é fantástico!

Aliás, eu estou justamente chegando de uma caminhada de alguns dias e me lembrei que seria muito interessante se você pudesse saber de tudo o que aconteceu por lá. O que você acha?

Vou contar como foi, mas gostaria de lhe apresentar aos outros integrantes da equipe: Edu Guará, que é especialista na fauna brasileira, ou seja, é um apaixonado pelos animais de nossas matas; Zé Golfinho, louco por mergulho, surfista e, principalmente, um grande amigo das praias, muito inteligente e superpreocupado com uma de nossas maiores riquezas, a água; e, finalmente, nossa fada mágica, a Lica Recicla, especialista em transformações. Juntos, nós formamos a equipe “Descobrimdo o Brasil”. Você quer fazer parte dela?

Bem, vamos ao que interessa, você já deve estar curioso a respeito da viagem, então: pé na estrada, quero dizer, olhos e ouvidos abertos que aí vem aventura! Vamos lá?

Esta foi a primeira aventura da equipe. Caminhamos pela Mata Atlântica, desde o alto da serra, em meio à floresta, até a praia, onde a mata se encontra com o mar. Foi uma trilha longa, mas o nosso guia, Marco Mateiro, conhecia a região como ninguém...





Logo no início da viagem, Marco nos contou sobre a Mata Atlântica:

“Quando o Brasil foi descoberto, a Mata Atlântica cobria cerca de 15% de nosso território, com suas maravilhosas árvores de todos os tipos: ipês roxos e amarelos, quaresmeiras, paus-brasis... Sua área era tão extensa que cobria cerca de dezessete estados nacionais, indo do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul. Animais de todos os tamanhos habitavam as matas, minúsculas rãs e serpentes coloridas, divertidos micos e saguis, e até mesmo perigosas onças-pintadas e jaguatiricas. Era uma imensidão espetacularmente rica, onde se podia encontrar com facilidade os mais diversos frutos, doces como mel, palmitos e muito mais. E toda essa beleza era completada com as cores das flores e dos pássaros, de todos os tamanhos, tipos e cantos...



Nesse momento, Marco parou um pouco, sentou-se em uma pedra e perguntou:

– Não estou, não. Vocês saberiam me dizer quanto da Mata Atlântica ainda existe?

– Eu sei! Apenas 7,3% de tudo o que havia. Hoje em dia a Mata Atlântica só cobre cerca de 1% do território brasileiro! E tem mais, dos animais e plantas que habitavam esta região, algumas espécies desapareceram e outras tantas ainda precisam, hoje em dia, de muito cuidado para não desaparecer, como a ararinha-azul e o mico-leão-dourado – falou Edu Guará, sentando-se também.

– Isso mesmo, depois de 500 anos o homem parece estar tomando consciência da importância da preservação da natureza – disse Marco Mateiro.

– Eu acho que o homem entendeu finalmente que ele também faz parte da natureza, isso sim! – foi a minha vez de opinar. – Olhem só à nossa volta, que maravilha! Estas matas são tão lindas, tão coloridas, que só poderiam ser mesmo do nosso Brasil!

Mas o homem que veio morar aqui, mesmo tendo a oportunidade de aprender com os índios o amor pela mata, achou que de algum modo a natureza tinha um poder de recuperação eterno. Quer dizer, achou que poderíamos tirar da mata qualquer coisa em qualquer quantidade, e que a Mãe Natureza se encarregaria da manutenção do equilíbrio.

Pois é, a Mãe Natureza realmente fez o que podia, mas o homem abusou um pouco e demorou demais para se decidir a preservar esse ecossistema. Houve grandes desmatamentos, cidades se formaram, estradas foram construídas. Os animais, coitados, além de ficarem sem ter onde morar, foram vendidos, traficados, até mesmo exportados, tudo isso sem mencionar a poluição do ar e das águas.”

– Mas, Marco, você não está exagerando? – perguntou Lica Recicla.





Bom, a bronca foi tão bem dada que ninguém abriu o bico, quer dizer, quase ninguém, pois bem em cima de nossas cabeças estavam duas maritacas verdinhas, muito interessadas nos nossos biscoitos.

– Será que a gente pode deixar umas migalhas para elas? O biscoito é integral... – perguntei ao Marco Mateiro.

– Claro que pode. Elas vão adorar, desde que você não deixe a embalagem! – respondeu Edu Guará, sem esperar a resposta do guia.

E foi justamente o que fizemos: deixamos umas migalhas de biscoito para as alegres maritacas, mas recolhemos todo o resto. Foi muito fácil porque eu e a Lica já havíamos combinado tudo e levávamos conosco um saco plástico só para guardar as embalagens usadas.

Prosseguimos nossa viagem, apreciando a beleza da Mata Atlântica: bromélias, samambaias de todos os tamanhos, borboletas de todas as cores, riachos de águas cristalinas e cachoeiras convidativas... Tão convidativas que resolvemos parar um pouco mais para nos refrescar.

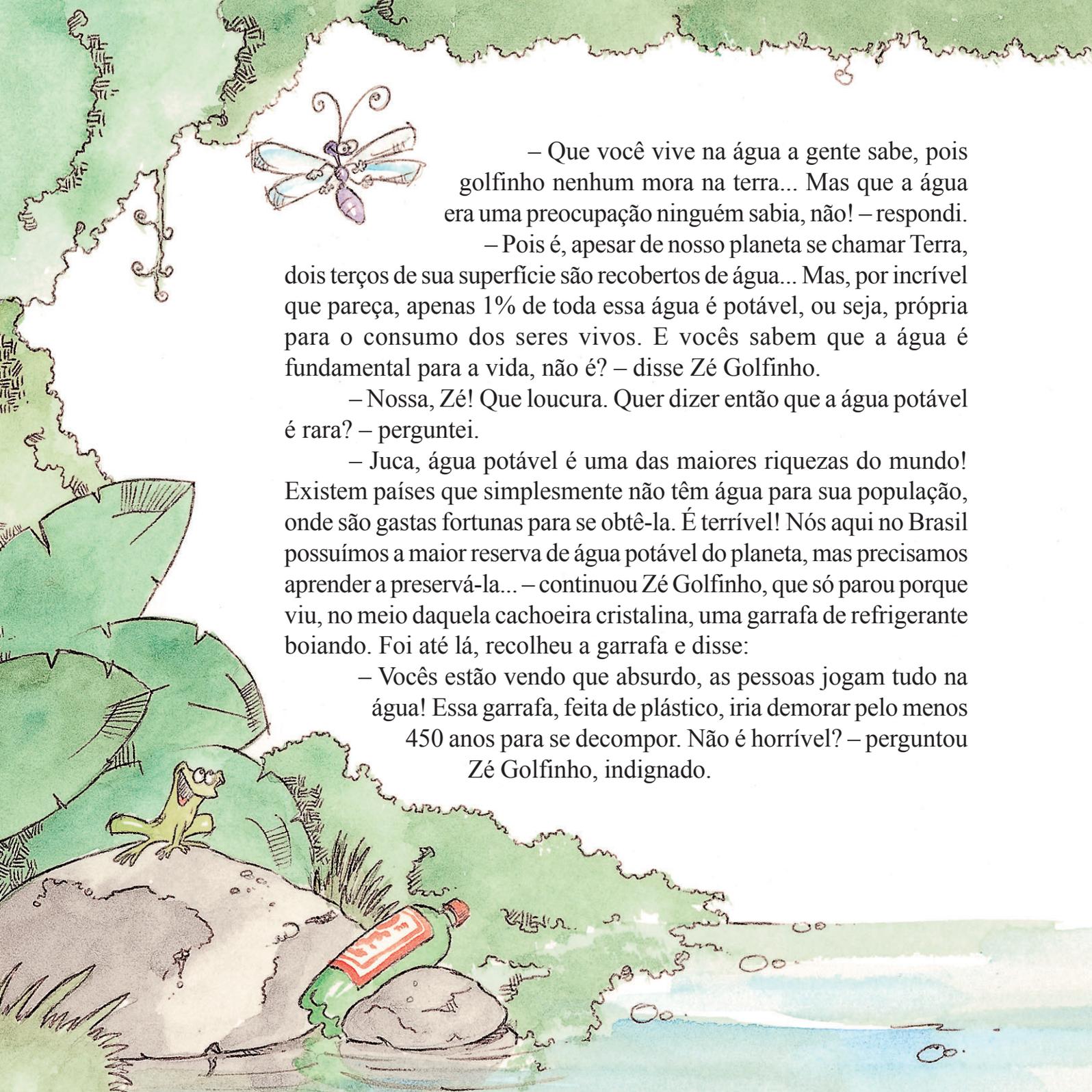
– E isso é só o comecinho, Juca! Nossa trilha é bem longa, mas deslumbrante! – disse Marco Mateiro.

A esta altura, já estávamos todos sentados e bem instalados, prontos para um lanchinho... Tiramos alguns biscoitos integrais da mochila, suco de frutas brasileiras (eu fui o encarregado do cardápio da excursão), como caju e maracujá, e iogurtes, que eu carregava na minha supermoderna bolsa térmica. O lanche foi um banquete, mas...

– Ah! Meu Deus! Olha só o que a gente fez! Eu estava com tanta fome que nem percebi o tanto de restos que vamos deixar para trás, enfeando a natureza, poluindo o ambiente! – disse, quase chorando, Zé Golfinho. – Cada uma dessas embalagens que vamos deixar aqui demora anos e mais anos para se decompor, é horrível...

– Alto lá, cara-pálida! Nós vamos o quê? Deixar restos para trás? Só se você ficou maluco! Eu ajudei o Juca a fazer as compras, e nunca, em momento algum, pensamos em deixar restos pelo caminho... O que vamos fazer é guardar as embalagens vazias das nossas refeições e levá-las conosco até encontrarmos um local apropriado para sua deposição, ou seja, algum ponto de coleta seletiva – disse Lica Recicla.





– Que você vive na água a gente sabe, pois golfinho nenhum mora na terra... Mas que a água era uma preocupação ninguém sabia, não! – respondi.

– Pois é, apesar de nosso planeta se chamar Terra, dois terços de sua superfície são recobertos de água... Mas, por incrível que pareça, apenas 1% de toda essa água é potável, ou seja, própria para o consumo dos seres vivos. E vocês sabem que a água é fundamental para a vida, não é? – disse Zé Golfinho.

– Nossa, Zé! Que loucura. Quer dizer então que a água potável é rara? – perguntei.

– Juca, água potável é uma das maiores riquezas do mundo! Existem países que simplesmente não têm água para sua população, onde são gastas fortunas para se obtê-la. É terrível! Nós aqui no Brasil possuímos a maior reserva de água potável do planeta, mas precisamos aprender a preservá-la... – continuou Zé Golfinho, que só parou porque viu, no meio daquela cachoeira cristalina, uma garrafa de refrigerante boiando. Foi até lá, recolheu a garrafa e disse:

– Vocês estão vendo que absurdo, as pessoas jogam tudo na água! Essa garrafa, feita de plástico, iria demorar pelo menos 450 anos para se decompor. Não é horrível? – perguntou Zé Golfinho, indignado.

– Vamos entrar com cautela, pois as pedras são escorregadias... – disse Marco Mateiro, mas não a tempo de evitar o tombo de Edu Guará.

– Pessoal, a água tá demais. Vamos, entrem vocês também... – disse Edu, que parecia estar querendo companhia para o banho.

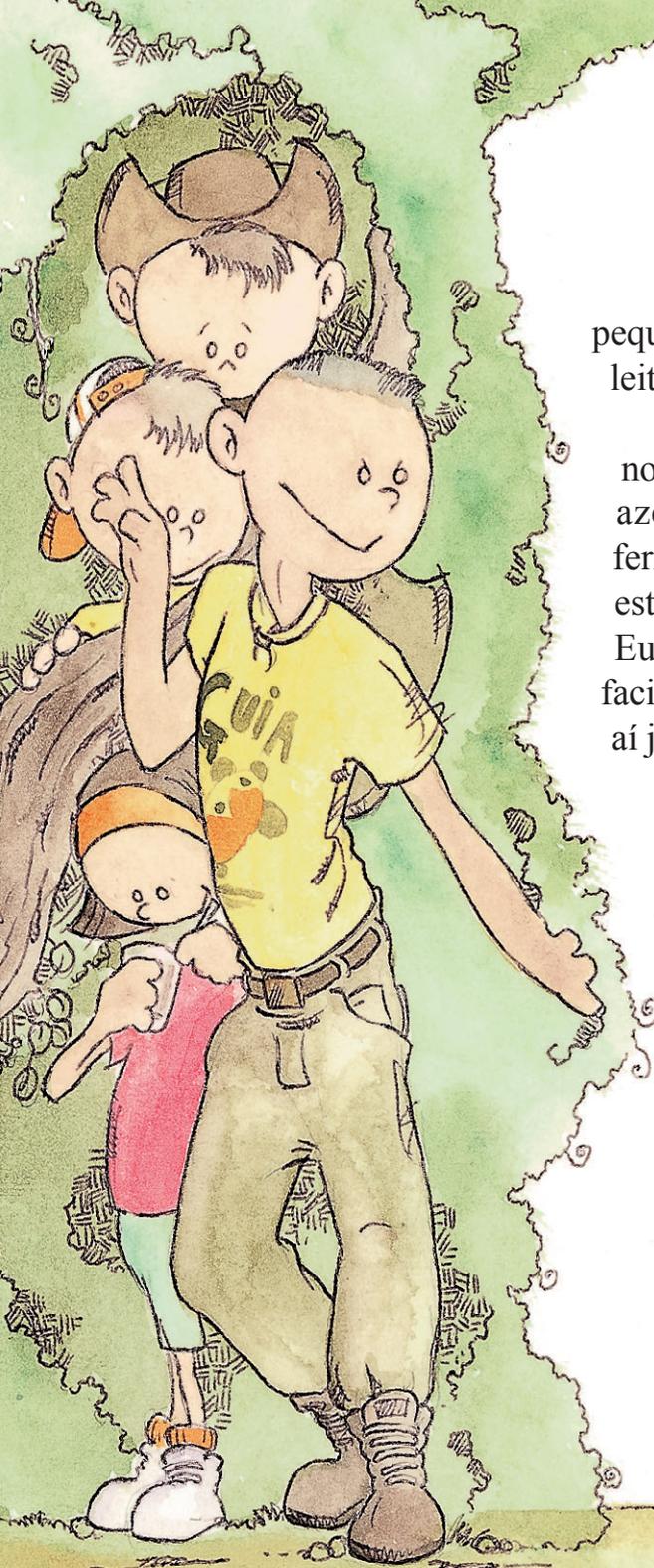
Em poucos minutos, quero dizer, segundos, estávamos todos na água, aproveitando as delícias de um banho de cachoeira.

– Que água pura e cristalina... – disse Lica.

– É água de nascente, vocês podem até beber! – disse Marco Mateiro.

– E pensar que os homens têm jogado todo tipo de coisa na água! Vocês sabem que a água é uma das minhas maiores paixões e, ao mesmo tempo, motivo de preocupação, não é? – perguntou Zé Golfinho.





Naquele dia, montamos acampamento em uma pequena clareira em meio à mata. De jantar, cereais com leite, suco e frutas.

– Vocês ficam reclamando das embalagens, mas esse nosso jantarzinho seria impossível sem elas: o leite iria azedar, os cereais ficariam murchos, o suco poderia fermentar e as frutas com certeza estariam amassadas, sem este cheirinho delicioso de saúde... – disse Lica Recicla. Eu acho que as embalagens foram desenvolvidas para facilitar as nossas vidas, o que não podemos fazer é sair por aí jogando-as em qualquer lugar! A ordem é RECICLAR!

– Isso mesmo, menina! Assim é que se fala! Nada de embalagens boiando em cachoeiras... – disse Zé Golfinho.

– E nada de dormir sem escovar os dentes. Turminha, até amanhã! – disse Marco Mateiro.

– Até amanhã! – respondemos todos, indo dormir, após termos escovado os dentes.

No dia seguinte, tomamos café da manhã com muitas coisas gostosas e levantamos acampamento.

– É horrível as pessoas não terem consciência! Quem trouxe esta garrafa para cá deve ter adorado matar a sede com o refrigerante... Foi um prazer, sem dúvida, e eu não vejo mal nenhum nisso. Agora, o que não tem cabimento é a pessoa matar a sua sede e atirar a embalagem para longe! Vocês sabiam que essa garrafa é feita de PET, *polietileno tereftalato*, e que é perfeitamente reciclável? Pois é, com ela podemos fazer camisetas, tapetes, réguas, vassouras e muito mais! A mágica é jogar as embalagens no lugar certo, sempre pensando em reciclar ou reutilizar – explicou Lica Recicla.

– Nossa fada transformadora, só você mesma para transformar uma garrafa de refrigerante em camiseta! – disse eu, encantado. – Mas Lica, como podemos reutilizar embalagens?

– Bem, hoje em dia, reaproveitar materiais é fundamental. Podemos, por exemplo, reutilizar garrafas e outras embalagens para fazer brinquedos, guardar alimentos e líquidos, assim como podemos sempre reutilizar sacolas plásticas... Mas uma coisa é muito importante, não devemos reaproveitar objetos que impliquem falta de higiene – disse Lica.





– Ei, você! Cortar palmitos é um crime ambiental. É proibido, é contra a lei, contra a vida, contra... – comecei eu.

O pequeno caiçara já estava prontinho para sair correndo quando a Lica, com seu jeitinho lindo, falou:

– Querido, não fuja! Quer um suco de maracujá, um iogurte?

Acho que o menino devia estar com fome, pois disse que queria sim, e olha que comeu bastante. Perguntamos a ele o que estava fazendo, e ele nos contou que sempre vinha até a mata cortar palmito, e que seus pais vendiam o palmito para os turistas. Disse também que era apanhador de pássaros, e que os turistas adoravam comprá-los.

– E vocês, não querem levar um vidro de palmito ou um papagaio? Estou com uns três lá em casa...

– Três papagaios? Isso também é proibido, é tráfico de animais silvestres, causa desequilíbrio, extinção... – começou Edu Guará.

– Calma, Edu, essa bronca assim não vai adiantar nada. Vamos até a casa do pequeno conversar com os pais dele – disse Lica, a mais tranquila do grupo. Depois, voltando-se para o garoto, perguntou: – Querido, como é seu nome? Onde você mora? O que fazem seus pais?

Marco começou o dia com pressa:

– Precisamos deixar o local exatamente como o encontramos, limpo, limpinho. Vamos recolher todas as embalagens, enterrar as cascas de frutas e seguir viagem... Teremos um longo dia.

Assim fizemos. Seguimos em frente, caminhando por cerca de duas horas. Já havíamos descido grande parte da serra, e a mata estava deslumbrante, com os raios de sol penetrando pela copa das árvores, pequenos micos pulando em seus galhos e pássaros de diversos tipos aparecendo de vez em quando. Foi quando ouvimos um barulho estranho, como se alguém estivesse cortando plantas.

– Não façam barulho. Vamos devagar até lá e assim descobriremos quem está cortando árvores por aqui! – disse nosso guia, embrenhando-se na mata.

Andamos devagar e conseguimos pegar o cortador de mata com a mão na massa. Estávamos prontos para passar o maior carão no destruidor quando percebemos que era um menininho de mais ou menos oito anos que estava cortando as árvores. Aliás, ele estava cortando palmeiras para extrair o palmito.





– Tião, viu como essa mata é maravilhosa? – perguntou Lica ao menino.

– Mas não sou eu que estou mostrando para vocês tudo de bom que a gente tem por aqui? Eu sei que a mata é maravilhosa, como também sei que a praia é linda. Sempre morei por aqui, assim como meu pai e meu avô, e não quero mudar nunca, nunquinha. Em casa, a comida é boa, temos peixes todos os dias, eu amo este lugar! – respondeu Tião sem entender a pergunta.



– Querido, se você continuar a cortar o palmito da mata, prosseguir com essa história de pegar os passarinhos e vender, em pouco tempo a mata vai desaparecer, e você não vai mais poder morar aqui! – disse Lica.

– Vou acabar com a mata, eu sozinho? – perguntou o menino, mais confuso do que nunca.

– Não, querido, não é você sozinho, são muitas pessoas que fazem o que você faz, tantas que esta mata já foi quase totalmente destruída. Onde

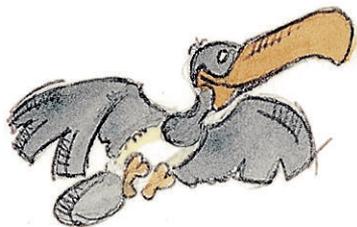
– Meu nome é Tião Palmitreiro, meus pais também pegam palmito e nós moramos na praia... Não fica longe daqui. Vamos até lá em casa, quem sabe vocês resolvem levar um vidro...

– Tião, nós não vamos comprar nem palmitos nem papagaios. Isso que você faz é contra a lei, você está destruindo a natureza... – começou Edu Guará.

– Edu, ele é uma criança. Vamos até onde ele mora, quem sabe a gente conversa com os pais... – disse Lica, convencendo a todos.

Tião nos levou até sua casa e, para nossa surpresa, o caminho que percorremos era exatamente o de nossa trilha, ou seja, ele morava na praia para onde estávamos indo, desde o começo de nosso passeio. A caminhada com o Tião foi muito especial, pois, como morador da região, ele enxergava tudo com olhos muito bem treinados. O menino nos mostrou coisas incríveis, como um casal de saguis namorando, ninhos de papagaios, tucanos nas copas das árvores, uma ou duas cobras e até pegadas de jaguatirica. Tião nos contou também como certas plantas eram excelentes remédios para os mais diversos males, e como algumas frutinhas silvestres eram deliciosas.





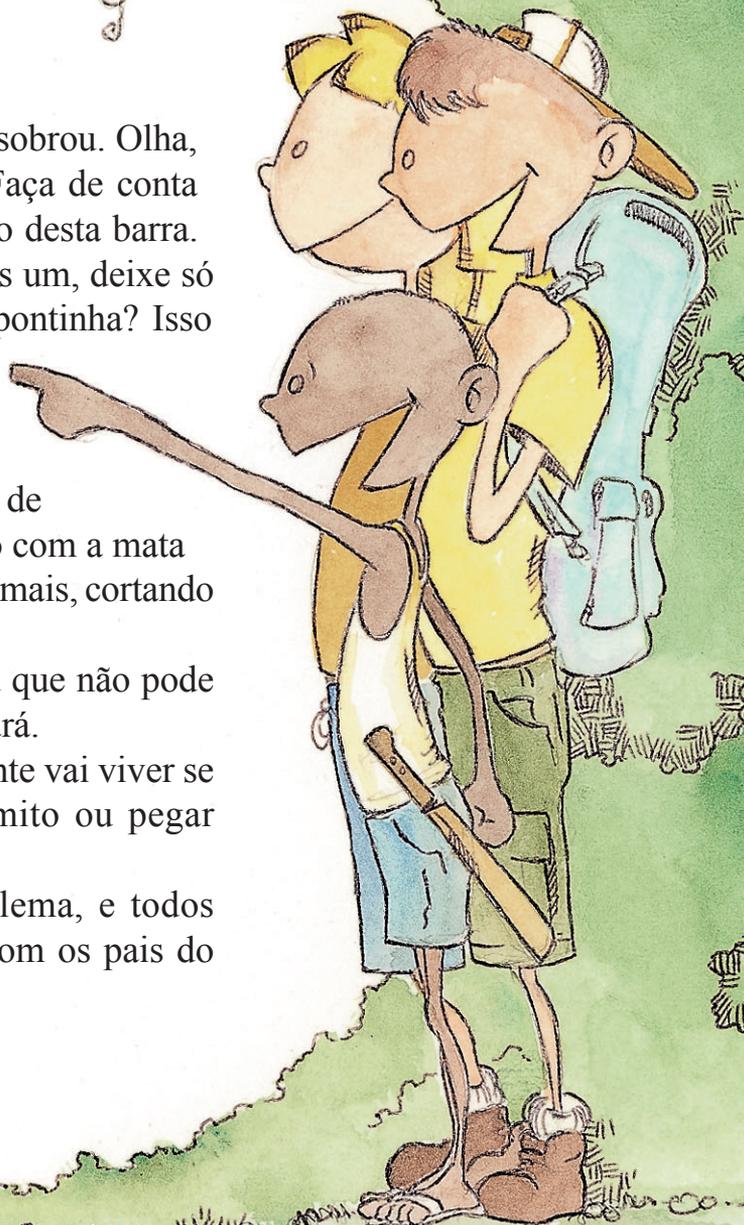
você mora é um pedacinho pequeno do que sobrou. Olha, está vendo esse chocolate? – perguntei. – Faça de conta que a mata era, há muito tempo, do tamanho desta barra. Agora olhe, coma um pedaço, mais um, mais um, deixe só um pedacinho para mim. Está vendo esta pontinha? Isso foi o que sobrou da mata!

– Quer dizer, então, que a mata era maior do que é hoje? Que eu moro num restinho pequeno, do tamanho dessa pontinha de chocolate? E que as pessoas foram acabando com a mata aos pouquinhos, tirando dela as plantas, os animais, cortando as árvores... – disse incrédulo Tião.

– Isso mesmo! Mas você já entendeu que não pode mais fazer isso, não é? – perguntou Edu Guará.

– Entendi, mas só não sei do que a gente vai viver se eu parar de entrar na mata para tirar palmito ou pegar papagaio... – disse, pensativo, Tião.

Esse era realmente um grande problema, e todos sabíamos que seria complicado conversar com os pais do menino.





Mas, chegando à praia, a visão foi tão deslumbrante que esquecemos o assunto. A água verde do mar parecia acariciar as areias brancas da praia, tão fofas que até cantavam sob os nossos pés. Que lugar espetacular, que maravilha viver ali!

– Tião, você tem muita sorte! Você mora em um paraíso! Onde fica sua casa? – perguntei.

– Logo ali, naquela aldeia! Lá vivem dez famílias de pescadores. Sabe, Juca, temos até escola na vila! – respondeu Tião.

Deixamos nossas coisas na casa do Tião e fomos dar um mergulho no mar. Tião nos acompanhou, nadando com a facilidade de um peixe. Na água, ele e Zé Golfinho pareciam velhos amigos, quase não se lembraram da nossa existência.

Mergulharam aqui, ali, em todo o lugar, e trouxeram duas lagostas para o nosso

almoço. Mas, além das lagostas, também trouxeram quatro garrafas de refrigerante, um saco plástico, dois copinhos de iogurte... embalagens. Zé Golfinho estava furioso, mas Lica, como sempre, perguntou ao menino:

– Tião, o que vocês fazem com o lixo da aldeia?

– A gente não faz nada, nadinha. Jogamos perto do mar e ele se encarrega de levar.

– Vamos, gente, vamos até a vila. Quero conversar com todos que moram lá. Acho que tive uma idéia maravilhosa, e assim vamos até ajudar a família do Tião a parar de tirar coisas da mata.

Dito e feito. Tião chamou todo mundo para a escolinha, disse que seus novos amigos iriam ensinar coisas boas para sua gente.





Enquanto isso, Lica Recicla separou todas as embalagens que pôde, levou-as para a escola e colocou-as sobre uma mesa.

Em poucos minutos toda a aldeia estava lá, todos bem sentados para ouvir o que tínhamos para falar.

Quem começou contando das maravilhas da Mata Atlântica fui eu, que falei das riquezas do nosso país. Depois o Edu Guará explicou muito direitinho tudo sobre o tráfico de animais silvestres, mostrando como cada ser vivo é importante para a mata, para o equilíbrio do meio ambiente, para preservação das espécies. O Zé Golfinho falou da água, sobre como ela é fundamental para a vida, e finalmente a Lica falou sobre o lixo:

– Durante nossa caminhada pudemos admirar a natureza, respirar ar puro, conhecer maravilhas a respeito da mata. Vocês, que moram nesta praia linda, precisam nos ajudar a preservar tudo isso. Estive pensando bastante sobre o lixo, pois pudemos encontrar embalagens em quase todos os lugares em que

estivemos. A culpa é das embalagens? Claro que não. Elas foram inventadas para acondicionar melhor os alimentos, entre outras coisas, e as pessoas que as largaram pelo caminho usufruíram de seu conteúdo, do que havia dentro delas, se alimentaram e mataram sua sede, mas não tiveram a consciência de levá-las consigo para que fossem jogadas no lugar certo.

– Mesmo aqui na vila... – disse Zé Golfinho. – Eu soube que vocês deixam o lixo perto do mar, para que ele leve embora tudo! Ninguém gosta do lixo por perto, não é? Mas o mar leva o lixo daqui e deixa logo ali, e assim vai. Muita coisa volta, como estas garrafas e copinhos que encontramos no mar.

– Vocês sabem, a natureza leva muitos e muitos anos para fazer desaparecer uma garrafa ou um copo. E, enquanto isso não acontece, vão se juntando garrafas e mais garrafas, copos e mais copos... Isso está certo? – perguntei.

– De jeito nenhum – disse um velho pescador. – Muitas vezes já pesquei sapatos, pneus, e é muito triste. Mas o que podemos fazer?





– É muito simples: cada um de nós precisa cuidar do seu lixo da melhor maneira possível. Não interessa muito que algum vizinho ficou com preguiça e não fez a parte dele, o importante é que façamos sempre a nossa. Aos poucos, todos estarão conscientes da necessidade de preservar a natureza, e aí, então, o mundo será uma maravilha... – disse eu, já longe em meus pensamentos.

– Mas como? – insistiu o velho pescador.

– Aqui nós não temos caminhão de lixo, nada disso. O que podemos fazer?

– Muita coisa. Vamos começar pelos restos de comida. Eu vou lhes ensinar a montar uma composteira, um lugar onde todos vocês vão colocar os restos de comida. Em pouco tempo teremos um ótimo adubo para plantas, que pode ser usado em suas hortas ou até ser vendido aos turistas... Aliás, acho que vende até mais do que papagaio – disse Lica, olhando para Tião e piscando o olho.

Depois, começou a falar das embalagens.

– Quanto às embalagens, é graças a elas que vocês podem consumir alimentos mais puros, duráveis e mais



práticos. Pessoas estudam anos e trabalham muito para o desenvolvimento de uma embalagem. Quer dizer, elas são criadas para facilitar a nossa vida. Em uma cidade grande, podemos reciclar todas as embalagens, basta separá-las e levá-las até um posto de recolhimento... – começou Lica.

– Mas o que é reciclar? – perguntou a esposa de um pescador.

– Reciclar é fazer com que esta embalagem usada seja transformada novamente em um outro produto, ou até em mais de um. Por exemplo, uma garrafa plástica de refrigerante pode ser transformada em uma camiseta, e um potinho de iogurte ou margarina pode virar cabide, balde, vasos e até mesmo peças para automóveis. Para reciclar a maioria das embalagens, precisamos fazer com que elas cheguem até certas fábricas especiais, mas aqui podemos montar uma oficina de reciclagem de papel. O que vocês acham?

– Quer dizer que papel também se recicla? – perguntou Tião.

– Claro, Tião. O papel, não sei se você sabe, é fabricado com fibras vegetais, ou seja, ele é feito de árvores. Se reciclarmos o papel e o papelão, estaremos poupando muitas árvores de serem cortadas! – disse Lica Recicla.





– Está vendo, Lica, não sou só eu quem corta árvores da mata! – exclamou Tião Palmiteiro.

– Mas quem foi que lhe contou que o papel é feito a partir de árvores cortadas da mata, heim, seu Tiãozinho? – perguntou Lica Recicla.

– Ninguém me contou não, eu que achei!

– Pois então achou bem errado! Hoje em dia o papel e o papelão são fabricados através de fibras de árvores de crescimento rápido, plantadas em fazendas especializadas e colhidas de acordo com um planejamento rigoroso – explicou Lica.

– Lica, vamos com calma, que quem não está entendendo nada sou eu – disse Zé Golfinho.

– É muito simples: eu estou querendo dizer que as árvores utilizadas para fazer papel foram

plantadas especialmente para isso, e que a colheita é feita com muito cuidado para que até mesmo os animais que vivem nas árvores a ser colhidas possam mudar de casa quando chegar a hora do corte – continuou Lica.

– Quer dizer então que existem plantações de árvores, como de algodão, soja ou milho? – perguntou um velho pescador.

– Exatamente! E voltando ao assunto reciclagem...

– Mas Lica, como nós, aqui tão longe, podemos fazer algo pela reciclagem? – perguntou o pescador.

– Bom, a minha ideia é que a família do Tião, a única da vila que não vive da pesca, seja a responsável por esse projeto. Podemos chamá-lo “Lixo no Lugar Certo”, gostaram do nome? – perguntou Lica.

– Ótima ideia – gritaram todos.





– Bom, então aqui na escola a gente vai colocar quatro latões de lixo, um amarelo, para os metais, um vermelho, para os plásticos, um verde, para os vidros, e um azul, para os papéis. Os restos de comida vão para a composteira, e os outros tipos de lixo, como papel higiênico, precisam ser aterrados. Dessa forma, não vai mais sobrar nenhum tipo de lixo para ser jogado no mar, vai? – perguntou Lica.

– Não, não vai sobrar nada. E todo mês eu posso levar os latões cheios até a cidade. Levo tudo separadinho e vendo por lá. Eu até sei quem é que compra – disse o pai de Tião.

– Bom, eu já vi tudo – disse a mãe do Tião –, eu vou cuidar desta composteira e distribuir o adubo para todas as hortas da vila. Aliás, a gente bem que poderia fazer uma horta única, para todos nós. Assim apenas uma pessoa cuidaria da horta e sobraria tempo para os outros desenvolverem tarefas diferentes.

– Boa idéia. E são muitas as ideias que poderemos

desenvolver por aqui. Durante a nossa caminhada, o Tião nos mostrou muitas plantas das quais se fazem remédios. Por que vocês não criam também uma farmácia viva? Pode ficar ao lado da horta... – eu disse.

– Pois é, menino. Muita gente chega aqui e pergunta se temos boldo, carqueja e outras ervas, e nunca pensamos em cultivá-las – disse a mãe do Tião.

– Então, está mais que na hora de começar... – disse Lica. – Mas, voltando ao lixo, vocês são só dez famílias, e a quantidade de embalagens que estarão levando para a cidade não renderá muito dinheiro... Então, vou ensinar vocês a fazer muitas coisas com elas, como brinquedos, vasos, utilidades domésticas e muito mais. Tudo o que fizerem pode ser usado por vocês ou vendido. Só quero que vocês prometam que não vão mais catar palmito, prender pássaros silvestres e jogar lixo no mar... Prometem?

– Claro que prometemos, ninguém gosta de pescar garrafas, copinhos ou sacos plásticos... – disse o velho pescador.





– E é terrível saber que o seu marido entrou na mata com seu filho para catar palmito e pode ser preso por isso. Não suporto viver angustiada assim... – disse a mãe do Tião.

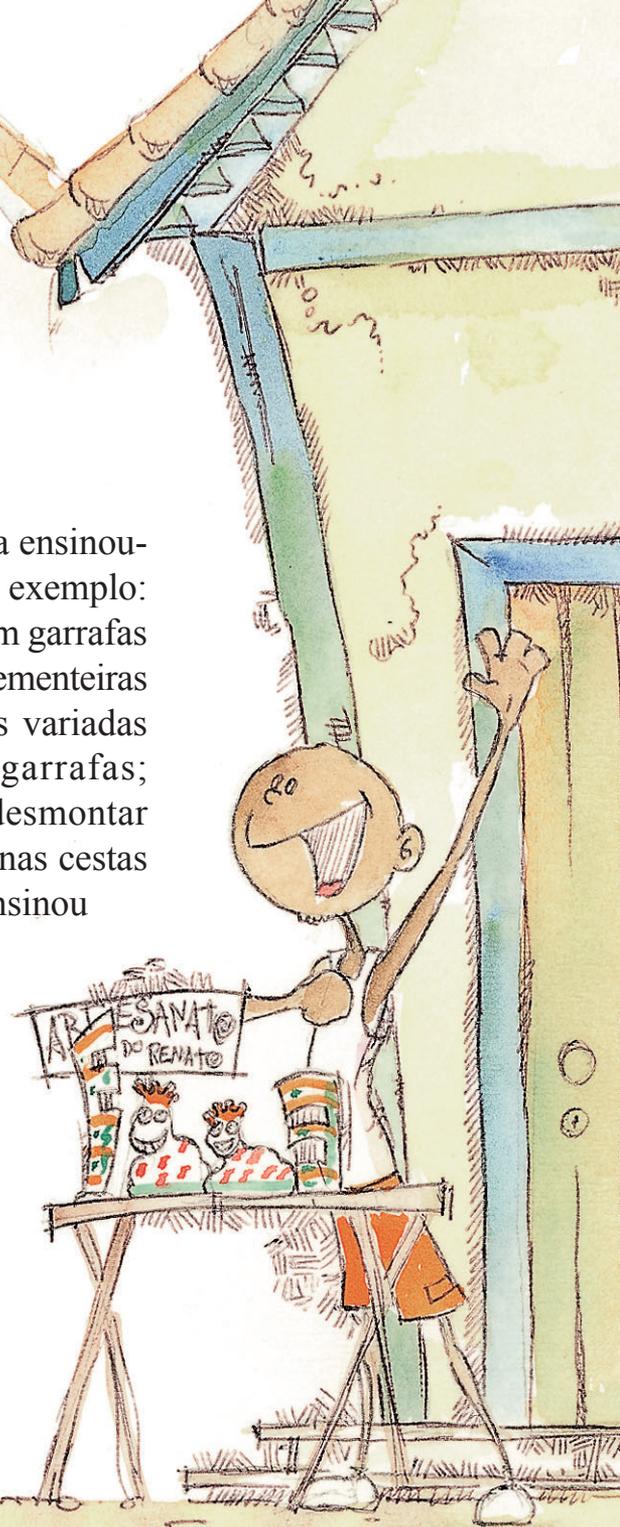
– Mas, mãe, eu não sabia que era proibido... – disse Tião.

– Você não sabia, querido, mas nós sim. É que não tinha outro jeito. Agora, com a composteira, a horta, a farmácia viva, o artesanato e a reciclagem, acho que a gente vai começar a viver melhor, ajudando a natureza ao invés de prejudicá-la.

– Que maravilha ouvir isso. Todos concordam com ela? – perguntei.

– Claro. Todos vivemos da natureza. Nós somos a natureza – disseram os pescadores.

E a reunião continuou ainda por várias horas. Lica ensinou-os a fazer muitas coisas com as embalagens, como por exemplo: casinha de boneca com caixa de sabão em pó; vaivém com garrafas de refrigerante; telefone sem fio com potinhos de iogurte; sementeiras com caixinhas de leite ou de suco; vasos com as mais variadas embalagens; jogos de damas com tampinhas de garrafas; instrumentos musicais e muito mais. Ensinou-os a desmontar caixinha de pasta de dente, cortar tirinhas e fazer pequenas cestas de papelão; trançar sacos plásticos e fazer sacolas; e ensinou até a reciclar papel, obtendo um papel reciclado rústico, mas muito bonito para o artesanato. Lica pediu para que as famílias juntassem potinhos de iogurte e margarina, que serviriam de vasilhinhos para que a mãe do Tião pudesse vender as plantinhas da farmácia viva.





Mas a Lica fez questão de lembrar a todos que a nossa saúde está sempre em primeiro lugar e que, apesar de a ideia de reutilizar potes e garrafas ser muito boa, não devemos nunca reaproveitar objetos que impliquem falta de higiene, como usar mais de uma vez copos descartáveis para ingerir líquidos.

Muitas pessoas da aldeia gostaram da novidade e nós ainda ficamos lá durante dois dias inteirinhos. Comemos peixes deliciosos, lagostas fresquinhas, verduras da horta e frutos da mata. Na casa do Tião havia muitas goiabeiras, e eu, com minha paixão pelo Brasil, ensinei a receita do doce de goiaba da vovó Lina. Já que eles tinham muitos potes de vidro para colocar os palmitos, esse material poderia agora ser usado para acondicionar o melhor doce de goiaba do mundo, que também poderia ser vendido mais tarde na cidade.

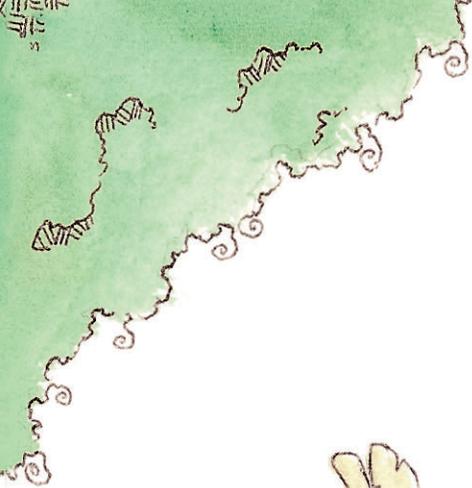
Fomos embora contentes, havíamos feito ótimos

amigos. Marco Mateiro estava encantado e já tinha combinado com o pai do Tião: sempre que pudesse, traria pessoas até a vila.

Acho que foi um passeio e tanto! Aprendemos muito, muito mesmo, mas também tivemos oportunidade de ensinar o que sabíamos. Pudemos compreender que a grande maioria das pessoas não tem consciência de como os seus atos podem prejudicar o meio ambiente, mas voltamos com a certeza de que hoje todos os moradores do local já sabem que fazem parte dessa natureza.

Descobrimos que as embalagens, que aparecem jogadas ali com tanta frequência, podem ser recicladas e reutilizadas, e que, sem elas, nossa vida seria muito menos confortável. Percebemos que, se houvesse consciência geral, muito pouco seria o lixo jogado no lixo, pois podemos reciclar quase tudo...





E o melhor da viagem: mais uma vez tive a certeza de que o Brasil é simplesmente maravilhoso, que suas matas são fantásticas, seus animais, lindos e seus frutos, doces como o mel. Mas, mais do que tudo, senti na pele como é maravilhoso o seu povo, a família do Tião, que nos acolheu, os pescadores da aldeia, preocupados com o meio ambiente, muito interessados em saber como agir da maneira correta, e a união daquelas dez famílias, procurando o melhor para os seus.

E então, o que você achou da nossa viagem? Olha, o Brasil está aí, todinho para ser conhecido. Nossa equipe “Descobrimdo o Brasil” está pronta para novas aventuras, e agora, com você junto, vai ser ainda mais gostoso...

Mas o que você acha de não esperar pela próxima viagem para cuidar do meio ambiente? Você pode contar para todos os seus amigos o que aprendeu conosco...

Afinal, se aqueles pescadores puderam fazer tantas coisas bacanas em uma aldeia isolada no litoral, imagina você, que mora na cidade, o quanto não pode fazer! Vamos lá, mãos à obra! O Zé Golfinho, o Edu Guará, a Lica Recicla e eu contamos com você!

Até a próxima

Juca Brasileiro





educação

“Aquele que plantou uma árvore antes de morrer
não viveu em vão.”



Fundação
EDUCAR | Leia Comigo!

DPASCHOAL



Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

